

EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DIEESE E DO NOVO CURSO SUPERIOR EM CIÊNCIAS DO TRABALHO

Stênia Cássia Militão¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar os principais aspectos e resultados da pesquisa de mestrado realizada no período de 2014 a 2017 sobre a experiência do novo curso de graduação, o bacharelado em Ciências do Trabalho, ofertado pela Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Partindo de estudos que tratam sobre a relação entre educação e trabalho no Brasil, que evidenciam a lógica do modo de produção capitalista de negar a muitos trabalhadores o acesso ao saber teórico, e sua vinculação com o saber prático, a pesquisa se propôs a analisar em que medida a proposta do curso de Ciências do Trabalho pode apresentar uma pedagogia contra-hegemônica. Para tanto, a pesquisa eminentemente qualitativa, na condição de estudo de caso sobre o referido curso, foi realizada utilizando-se de pesquisa documental, por meio da análise dos relatórios e documentos institucionais da Escola DIEESE, e da sua entidade mantenedora, e ainda, entrevistas com 20 alunos egressos da primeira turma, que concluíram o curso de Ciências do Trabalho no ano de 2015. Os resultados da pesquisa apontam para alguns desafios, em especial, por se tratar de um curso novo e pouco conhecido, mas por outro lado, evidenciam por meio dos relatos dos alunos entrevistados, que o currículo e a metodologia do curso de Ciências do Trabalho, permitiram, entre outras importantes questões, desenvolver uma maior compreensão teórica a respeito da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação e trabalho; ensino superior; movimento sindical.

Os estudos a respeito da relação entre educação e trabalho no Brasil revelam o profundo distanciamento histórico entre o saber teórico e o saber prático nos programas pedagógicos do sistema de ensino. As tentativas de fazer essa relação se deram a partir do desenvolvimento do ensino profissional e, posteriormente, no ensino superior, considerando a expansão das faculdades privadas. No entanto, esses dois tipos de ensino sempre estiveram marcados por uma educação especificamente voltada a atender às necessidades de pro-

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Secretária acadêmica da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho.

dução do mercado capitalista, com o desenvolvimento de uma aprendizagem que se limita a inserir os alunos nesse mundo produtivo.

De outro lado, temos a universidade, que se distingue das faculdades privadas por desenvolver pesquisa e extensão, porém pouco acessível, especialmente àqueles que vivem do trabalho. E é justamente nesse meio contraditório que muitos trabalhadores se encontram, com dificuldade para acessar o saber teórico e, quando conseguem acessá-lo, deparam-se com uma prática predominantemente certificatória e que pouco ou nada se relaciona com sua realidade, situação que nega a chamada “escola do sujeito” e “escola emancipatória”.

Diante deste cenário, em que pouco se altera, surge no ano de 2012 uma nova experiência, um curso superior ofertado por instituição de ensino também recentemente criada, apresentando em sua proposta pedagógica a possibilidade de caminhar na contramão da lógica do sistema capitalista que nega o acesso ao saber teórico e sua relação com o saber do trabalho. Este curso é o bacharelado em Ciências do Trabalho, ofertado pela Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, cuja entidade mantenedora é o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, entidade produtora de conhecimento, criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro para desenvolver atividades de pesquisa, assessoria e educação. No ano de 2010, a Escola DIEESE de Ciências do Trabalho teve o seu primeiro credenciamento como instituição de ensino superior pelo Ministério da Educação, e já em 2012 obteve pelo mesmo órgão a autorização para ofertar o curso de Ciências do Trabalho na sede da instituição, localizada no Centro da cidade de São Paulo.

Em abril de 2012 deu-se início à abertura do primeiro processo seletivo, com a oferta de 40 vagas para a formação da primeira turma do curso de Ciências do Trabalho. Apesar dessas vagas serem abertas a todas as áreas da sociedade, a primeira turma foi composta majoritariamente por alunos que atuam no movimento sindical. Naquele ano, o curso foi ofertado com uma mensalidade no valor de R\$ 550,00 (quinhentos e cinquenta reais). Verificou-se que a maioria dos alunos da primeira turma recebeu algum tipo de apoio financeiro de suas entidades sindicais para financiar os estudos durante os três anos do curso.

De acordo com o seu Projeto Pedagógico, o curso de Ciências do trabalho propõe uma formação de nível superior, presencial, com duração de três anos, e um projeto acadêmico de matriz interdisciplinar, voltado para atender os interesses, necessidades e condições de estudo e de produção de conhecimento da classe trabalhadora nas questões do Trabalho. Dentre as informações apresentadas pela Escola DIEESE, o que mais se destaca é que nesse curso propõe-se a produção do conhecimento a partir da própria experiência e das indagações dos estudantes. A pesquisa foi delineada tendo como objetivo geral analisar em que medida o curso de Ciências do Trabalho avança no sentido

de uma pedagogia contra-hegemônica², considerando, de um lado, o histórico da relação entre o saber teórico e o saber prático no Brasil, e de outro, a proposta que este curso apresenta como “inovadora”.

A necessidade de criação de uma instituição de ensino superior voltada ao aluno trabalhador

No ano de 2005, em comemoração aos 50 anos do DIEESE, a instituição iniciou um processo de debates com o movimento sindical sobre a formação de uma faculdade para o trabalhador, pois se considerou aquele “o momento adequado para reavivar um sonho presente desde a sua criação”³. A partir de uma consulta feita ao movimento sindical confirmava-se a necessidade de criar uma faculdade que fosse diferente das instituições de ensino superior já existentes. Em documentos institucionais do DIEESE foi possível identificar relatos de dirigentes sindicais, entre os quais, destacamos quando mencionam que “a universidade não respeita o conhecimento que o trabalhador traz. O que se busca é certificado a todo custo. A proposta tem que ser voltada para o mundo do trabalho”⁴.

Foi definido que seria criada uma faculdade aberta a todo público, porém com foco em pessoas que vivem do mundo do trabalho. Com a Escola credenciada e o curso autorizado pelo MEC, a instituição foi inaugurada em 2012, em sua sede, localizada no Centro de São Paulo – SP. As atividades da Escola DIEESE tiveram início com o ingresso da primeira turma do bacharelado em Ciências do Trabalho. Foi possível identificar que a ideia de construir uma proposta de educação voltada especificamente para trabalhadores não esteve ligada, naquele momento, à ideia de reproduzir qualquer curso existente. Em nenhum dos documentos pesquisados identificou-se essa intenção, mas sim a pretensão de partir para o novo.

A fim de chegar nessa proposta inovadora, o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho, como se intitula hoje, vivenciou-se um longo processo de estudos e debates entre técnicos do DIEESE, dirigentes sindicais, especialistas e consultores no período de 2006 a 2012. Nestes debates, surgiram interessantes reflexões, como esta:

Parece que tudo o que é construído numa perspectiva alternativa ou numa

2 Ao tratar da relação da educação com a sociedade, Dermeval Saviani (2008) apresenta uma rica reflexão sobre teorias pedagógicas, ver: SAVIANI, Dermeval. Teorias Pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu, v.10, nº 2, 2º semestre de 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4465/3387>. Acesso em 25 de ago. 2016.

3 ESCOLA DIEESE. Projeto de desenvolvimento institucional. São Paulo: DIEESE, 2016.

4 DIEESE. Primeira oficina. Faculdade do movimento sindical. São Paulo: DIEESE, 2007. (Relatório técnico da Escola DIEESE)

perspectiva de visão dos trabalhadores ou das trabalhadoras, parece que não tem valor de conhecimento, então é negar essa perspectiva e ter um espaço onde todos esses conhecimentos afloram.⁵

A visão de que a vivência do trabalhador não é considerada como um conhecimento formal também é destacada no estudo de Kuenzer,⁶ que traz à luz a divisão existente na sociedade capitalista entre trabalhadores intelectuais e trabalhadores manuais, sendo a escola a instituição reprodutora do capital nessa separação de saberes. Entretanto, ao mesmo tempo em que a autora sustenta que a escola é somente um dos componentes no processo de produção de conhecimento, menciona que é aquele o único espaço onde os trabalhadores podem distribuir o saber socialmente produzido, transformando-o em teoria.

Perfil dos alunos

No primeiro processo seletivo realizado, a Escola DIEESE registrou o total de 159 candidatos inscritos. Matricularam-se na primeira turma do curso de Ciências do Trabalho 42 alunos e, desses, 27 chegaram ao final do curso.

Para compreender o perfil dos alunos da primeira turma do curso de Ciências do Trabalho serão destacados aspectos tais como *gênero, faixa etária, escolaridade, tipo de escola em que cursou o ensino médio, o turno em que cursou o ensino médio e, ainda, se são atuantes no movimento sindical e qual é seu tipo de atuação*.

O primeiro aspecto a ser abordado refere-se à *relação dos alunos da primeira turma do curso com o movimento sindical e a característica de suas funções nessa esfera*. Dos 27 alunos que concluíram o curso de Ciências do Trabalho, 25 eram atuantes no movimento sindical. Sendo assim, identificou-se que mais de 90% dos alunos desenvolviam atividades sindicais. Já a respeito de sua posição no movimento sindical, verificou-se que 80% ocupavam cargos de direção nas entidades sindicais.

Quanto à questão de *gênero*, na primeira turma, dentre os 27 alunos concluintes, havia somente 04 (quatro) mulheres. Ou seja, 85% dos integrantes da turma eram do sexo masculino. No que se refere à *faixa etária*, verificou-se que a maioria dos alunos estava acima dos 50 anos de idade. Observou-se que nenhum dos alunos do curso tinha menos de 30 anos de idade, no que diferem do público que normalmente ingressa em cursos superiores de outras instituições de ensino, composto prioritariamente por jovens na faixa dos 20 anos,

5 DIEESE. Oficina de trabalho II: projeto faculdade do movimento sindical. São Paulo: DIEESE, 2007. (Relatório técnico da Escola DIEESE)

6 KUENZER, Acácia Zeneida. Educação e trabalho no Brasil: o estado da questão. Brasília: INEP; Santiago: Reduc, 1991.

que concluíram o ensino médio recentemente. Já a respeito da *escolaridade*, 11 dos 27 alunos já possuíam uma graduação ao ingressar no bacharelado em Ciências do Trabalho, em cursos como Administração, Letras, Psicologia e Contabilidade. O segundo maior grupo dos alunos com graduação é o dos alunos com ensino médio, e por fim os com ensino superior incompleto.

A informação apresentada de que a maioria dos alunos ingressantes na primeira turma do curso de Ciências do Trabalho já era portadora de diploma de graduação, é bastante curiosa. Isto porque, ao considerarmos o estudo de Kuenzer⁶ sobre as dificuldades que envolvem o acesso e a permanência dos trabalhadores no ensino, entendemos que esses alunos fazem parte de um grupo privilegiado, inclusive no âmbito da esfera sindical. A outra questão que colocamos aqui é que esses alunos, justamente por já possuírem uma graduação, poderiam ter buscado uma especialização, seja *lato sensu* ou *stricto sensu*, porém optaram por ingressar em outro curso de graduação, o bacharelado em Ciências do Trabalho.

Outro aspecto de que tratamos é o *tipo de escola* onde os alunos cursaram o ensino médio. A maioria dos alunos cursaram o ensino médio em escola pública, seguido da opção de formação supletiva, e somente um pequeno número de alunos informou ter estudado em escola privada. Identificamos que 67% dos alunos do curso de Ciências do Trabalho cursaram o *ensino médio no período noturno*.

Para dialogar com este dado, cabe destacar Arroyo⁷, que defende que o trabalhador-estudante e o ensino noturno são fenômenos sociais inseparáveis, diante do surgimento da figura do trabalhador estudante.

Desafios e perspectivas do curso de Ciências do Trabalho – análise das entrevistas com os alunos da primeira turma

Para atingir os objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas com os alunos egressos da primeira turma do curso de Ciências do Trabalho. O roteiro das entrevistas apresentava questões que exigiram dos alunos uma reflexão acerca da sua trajetória no curso de Ciências do Trabalho, compreendendo um período de três anos, e que naturalmente envolveu pensar também em certos aspectos da vida como estudante e como trabalhador.

A análise das entrevistas dos alunos foi realizada a partir do levantamento de categorias: *Centralidade do sujeito no processo educativo; Teoria e prática; Prática docente; Articulação de saberes entre diferentes grupos; A formação*

7 ARROYO, M. A. Universidade, o trabalhador e o curso noturno. Universidade e Sociedade, São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 22-28, fev. 1991. Disponível em: <http://www.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-775780476.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

de quadros. Foram entrevistados 20 alunos egressos do curso de Ciências do Trabalho. Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, faremos a identificação da seguinte forma: E1 (entrevistado 1), E2 (entrevistado 2), e assim sucessivamente.

Centralidade do sujeito no processo educativo

É a partir do pensamento de Touraine⁸ a respeito do que ele chama de “escola do sujeito”, ao vislumbrar uma educação que não se reduza a atender as demandas e capacidades do mercado de trabalho, que apresentaremos em destaque algumas falas dos alunos entrevistados as quais relacionamos nesta categoria:

Extinguir a hierarquia entre professor e aluno (...) o que mais me admirava, de verdade, era que eu não aprendia só com o professor, eu aprendia com meus colegas **e também tinha a possibilidade de ensinar algo, dialogar sobre as nossas experiências**, e assim, existia um ciclo de comunicação e de transferência de conhecimento. (E18)

O que impacta mesmo, você ver, a própria escola se preocupava que a gente tivesse liberdade, o método da escola era deixar livre pra que a gente pudesse opinar, interferir. (...) Essa questão de você poder sair de sala de aula, estudar fora do campo escolar (...) a gente foi em teatros, em museus, essas coisas assim, pra mim foi algo de novo, **acho que o conceito da escola de que a gente é o sujeito e se sentir... vê todo mundo vê, o negócio é sentir né, se sentir como um sujeito.** (E7)

É possível notar como os alunos ficaram sensivelmente impressionados com a proposta do curso de considerar o saber e a experiência deles como importante na construção de um conhecimento, e tratam isso como algo novo e diferente em relação ao tipo de ensino que estavam habituados, como poderemos verificar ainda, no relato a seguir.

Quando a gente chegou no DIEESE a gente chega com uma outra carga, a gente não chega com a carga do ensino médio, a gente chega com a carga da experiência, do movimento e essa coisa a escola não nos fomenta, não nos fomenta pro grêmio, não nos fomenta pra luta do dia a dia, pra ser

8 TOURAINE, Alan. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.

mesmo sujeito, indivíduo que vai, dono de si, pra atuar enquanto sujeito na sociedade,(...) porque até quem sai do ensino médio e vai pra faculdade geralmente vai pra fazer um curso né, pra ter uma profissão mais qualificada que é diferente de quem vai pro DIEESE, **quem vai pro DIEESE não vai buscar uma formação pra se qualificar no mercado de trabalho, ele vai buscar uma formação pra atuar enquanto agente transformador da sociedade,** por isso que uma parte nós fomos lá, dirigente sindical, atuante no movimento sindical. (E13)

Os próprios alunos mencionam que a prática adotada no curso de Ciências do Trabalho foge do método tradicional de ensino e de avaliação, o que parece estar ligado essencialmente ao fato de essa proposta proporcionar a participação ativa do aluno em sala de aula, dando voz ao seu conhecimento, à sua experiência de vida e visão de mundo. Nesse sentido, Paulo Freire⁹ faz uma ligação entre o método tradicional de ensino, neste caso, a prática de não ouvir os estudantes, com a “preservação de estruturas autoritárias”: entende-se, portanto, que ao dar voz ao estudante, desmistifica-se naturalmente a ideia de que a classe trabalhadora “é inculta e incapaz”. Importante notar quando um aluno afirma que é por esta prática que uma pessoa se interessa pelo curso de Ciências do Trabalho, e não, somente pela qualificação, ou certificação, mas com o objetivo de atuar como “agente transformador da sociedade”.

Os alunos destacaram que a concepção do curso promoveu o respeito pelo saber dos estudantes, e neste aspecto, é interessante perceber como eles passaram a se considerar importantes nesse processo, na troca de conhecimentos entre professores e alunos. Para concluir esta categoria “centralidade do sujeito no processo educativo”, cabe notar, ainda, que a informação de que a concepção do curso de Ciências do Trabalho é voltada para o aluno trabalhador, parte agora da fala dos próprios alunos, e não mais dos documentos institucionais da Escola DIEESE.

Teoria e Prática

Considerando o pensamento de Kuenzer⁶ ao afirmar que são os processos educativos que fazem a mediação entre a teoria e a prática, destacamos a seguir os relatos com o objetivo de analisá-los na perspectiva desta categoria:

(...) A escola é muito longe do trabalhador, porque você faz um curso no Senai que é excelente em exatas, mas assim, olha, nunca vai falar assim, bom...,

9 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

e o sindicato? Qual é a função do sindicato? O Senai é muito bom para formar qualquer tipo de profissional, mas assim..., ele forma o cara na área de exatas, mecânica, mas na área de humanas... de falar assim, e o problema social? E aí eu vejo o meu pai passar por desemprego, eu vejo assim, o bairro metalúrgico..., toda crise, (...) você vê essas realidades, e fala, pera aí, isso aí não se ensina no Senai, essa outra realidade. **Quando aparece o curso do Dieese, curso diferenciado, curso voltado para o conhecimento, mas que você vai produzir o conhecimento.** (E17)

Então aprender as questões relacionadas no mundo do trabalho, aprender a lidar com as contradições e principalmente objetivando ter um desempenho melhor no meu trabalho. E quando eu saí da fábrica pra prestar um serviço pra categoria eu enfrentei muitas dificuldades. Então eu fui aprendendo com a vivência. **Mas eu sempre tive a consciência que era necessário a técnica, conhecimentos mais aprofundados pra poder fazer um trabalho melhor. Não só politicamente, no meio sindical, mas para os trabalhadores, principalmente pra aqueles que eu me propus representar.** (E1)

Percebe-se que a visão acerca do distanciamento existente entre a escola e o trabalho parte agora da fala dos próprios alunos, ao mencionarem a oferta de cursos que não tratam da realidade, dos problemas sociais, mas que especificamente qualificam para o mercado de trabalho. E foi diante dessa complexidade que os alunos ressaltaram o curso de Ciências do Trabalho como uma oportunidade de aprender na teoria o mundo do trabalho, informando o desejo e a necessidade sentida em conhecer teoricamente aquilo que eles sabiam na prática, ou seja, sentiam a necessidade do conhecimento científico. Os relatos apresentados abaixo complementam essa ideia:

Meu sonho era fazer uma faculdade, eu tinha o segundo grau, mas não tinha graduação universitária (...). O trabalho aqui ele é tão..., **no movimento sindical é tão puxado que ele não permite essas oportunidades de um trabalhador principalmente sindicalista fazer uma faculdade, trabalhador de fábrica já é difícil**, mas, quando a gente está na fábrica, ainda é melhor porque você tem um horário fixo (...) **no movimento sindical e eu tinha muita facilidade assim com oratória, microfone, essas coisas**, então eu era muito chamado pra resolver problemas dos outros, você não imagina a loucura que é, então nossa vida de movimento sindical de trabalhador pra estudar, só numa escola igual do DIEESE, que dá oportunidade, **aliás dá um pouco mais de flexibilidade pra que você consiga conciliar seu trabalho com atividade escolar.** (E8)

A minha forma de viver mudou muito depois do curso, a minha oratória mudou muito com o aprendizado, (...) não só a minha a gente comentava inclusive, (...) a gente comentava... puxa vida! **Quando a gente ouve um aluno do DIEESE falando numa assembleia é completamente diferente de ver um outro diretor,** é completamente diferente eu mostro isso pra você, coloca um de nós falando e coloca um outro que não tem o curso, então assim... é uma dinâmica totalmente diferente. (E8)

Revela-se nos relatos a flexibilidade que o curso de Ciências do Trabalho concedeu para auxiliar os alunos a conciliarem estudo e trabalho, o que parece também ter surgido a partir do perfil desta primeira turma do curso, formada em sua maioria por dirigentes sindicais. É possível verificar, ainda, que os alunos conseguem enxergar na vida prática o que eles conheceram teoricamente durante a realização do curso de Ciências do Trabalho, destacando avanços em alguns aspectos, como por exemplo, a melhoria no discurso, que aparece como um importante recurso para esses alunos, tendo em vista o trabalho realizado no movimento sindical.

Além disso, os relatos demonstram que as disciplinas do curso de Ciências do Trabalho proporcionaram na prática uma contribuição mais completa que possibilitou compreender melhor o mundo do trabalho. Partindo desta perspectiva a respeito do desenvolvimento de conteúdos que conversem com a realidade do aluno, destacaremos a seguir, mais algumas falas dos alunos entrevistados:

Eu me senti muito gratificado, muito bem, quando meu superior (...) falou pra mim depois de um tempo que eu já estava aqui na Escola, **que a minha escrita tinha melhorado, que tinha percebido uma melhora na qualidade dos textos e na própria forma de agir, de atuar na secretaria,** então tenho plena consciência disso, acho que em vários momentos de releitura, de visitar alguns textos que eu já havia tido contato, mas com um grau de maturidade bem menor, então isso faz uma diferença grande, e o contato com outros, com outras áreas de conhecimento. (E2)

Olha, **como trabalhador, acho que me deu (...) bastante conhecimento científico.** Que uma coisa é você ter um conhecimento, um senso comum da vida, conhecimento empírico, conhecimento científico.(E4)

O aprimoramento da escrita também ganhou destaque pelos alunos como uma das contribuições das disciplinas do curso de Ciências do Trabalho, incluindo a menção a produções publicadas, que são consideradas pelos alunos como frutos do curso. Mas além do discurso e da escrita, o que parece estar

mais presente na fala dos alunos, em relação às contribuições do curso para a vida como trabalhador, se refere aos conhecimentos adquiridos que possibilitaram maior compreensão sobre o mundo do trabalho, e que esta compreensão contribui para auxiliar outros trabalhadores:

Eu acho que assim, ao longo dos três anos de curso acho que uma das coisas que pra mim foi significativa, **uma mudança prática foi a maneira de compreender, de enxergar algumas relações**, porque eu diria que relação é o seguinte, até relação dentro de casa entendeu?! Acho que teve algumas disciplinas que me abriu muito a cabeça, por exemplo, **acho que hoje, a partir da experiência do aprendizado acadêmico no curso, hoje eu consigo, eu mudei minha vida, uma das coisas que eu não compreendia era o efeito da rotina na nossa vida.** (E3)

Importante notar que os alunos consideram como contribuições do curso poder hoje ter uma visão do todo, de enxergar as contradições do mundo do trabalho, de questionar a realidade, uma visão que um ensino tecnicista, tradicional, voltado especificamente para o mercado de trabalho, possivelmente não consegue desenvolver. Os alunos confirmam que a compreensão teórica aprendida no curso auxiliou a mudança na forma de viver, nas relações, nas atitudes suas e dos colegas da primeira turma que também fizeram o curso. Os alunos entrevistados fizeram também referência ao estudo acerca da história do trabalho e dos trabalhadores durante o curso e atribuíram importância às referências teóricas de Karl Marx, considerando o autor como um pilar para as discussões a respeito das relações sociais.

Prática Docente

Ao tratar da experiência do curso de Ciências do Trabalho, que se apresenta como “inovador” no âmbito da educação superior, se faz necessário analisar a prática pedagógica dos professores desse curso. A menção a esse respeito apareceu em mais de uma questão respondida pelos alunos entrevistados, em especial, nas questões sobre os conteúdos que mais tiveram importância (leitura, autor, disciplinas). Para tanto, fizemos um recorte dessas falas para apresentar o que se segue:

Porque eu sempre falava para os professores: **Eu preciso do professor, (...) porque eu preciso de um embate direto.** Eu tenho essa necessidade. Porque eu faço a leitura, eu tenho um entendimento, alguém tem outro. Opa, então como

nós vamos dirimir esse entendimento? E é isso que eu acho a presença de um professor, ela continua ainda fundamental, nesse processo. (E4)

O formato das aulas ele ajuda (...) se estivéssemos em outro espaço, talvez não teria o mesmo espaço de integração **onde o professor se coloca numa condição de igualdade**, e pode fazer essa (...) a Escola se propor a esse formato, ajuda. (E2)

Eu aprendi muito mais com os debates, ouvindo as pessoas de diversas categorias e tudo ali e eu acabei aprendendo muita coisa que eu nunca imaginava do que propriamente lendo, até porque eu não conseguia ler. (E14)

Como ponto de partida para análise desta categoria, consideramos o fato de os alunos reconhecerem a importância do papel do professor, revelando a necessidade de um mediador na produção do conhecimento. Acrescenta-se a isso o formato das aulas que, segundo os relatos, proporcionaram a participação dos alunos ao situar o professor numa posição de igualdade, ignorando nesse processo, a transmissão do conhecimento, e prevalecendo a participação ativa dos sujeitos, assim como continuaremos a ver no relato que se segue:

Então, assim o que me deu mais motivação (...) foi a qualidade quando eu comecei a conhecer os professores, professor de alto nível né?! Tudo pessoas muito bem preparada **e a própria dinâmica da escola, a facilidade que a gente tinha de flexibilização de horário, você às vezes justificava... olha amanhã eu não posso vir, o professor dava um texto, dava um trabalho pra gente fazer e isso compensava, então facilitou muito.** Olha, eu posso confessar pra você... eu pensei em desistir centenas de vezes, centenas de vezes. (E8)

É nesse sentido que percebemos como o “novo”, o “diferente” atraiu a atenção dos alunos, assim como foi citado por eles sobre as atividades realizadas durante o curso além do espaço de sala de aula. Mencionaram ainda, algumas disciplinas que surpreenderam por desmistificar ideias que traziam a seu respeito, como, por exemplo, Arte, Filosofia e Linguística. Os alunos fazem referência à alta qualificação do corpo docente do curso de Ciências do Trabalho.

Outro ponto que volta a ser identificado nos relatos, e agora se relaciona com a prática docente, foi a “flexibilização” dada pelos professores para com-

pensação de ausências nas aulas. De acordo com os alunos entrevistados, a principal dificuldade encontrada durante a realização do curso foi conciliar o estudo com o trabalho; isto, porque além da dificuldade natural que existe em fazer essa relação para quem faz um curso superior, acrescenta-se ainda o fato de que a maioria desses alunos atua e desenvolve atividades sindicais, como podemos ver nos relatos abaixo:

O que dificultou muito é conciliar a atividade do movimento sindical porque a gente não tem horário. (...) Então durante esses anos, então assim estudar atrapalhou na organização e muitas coisas, por exemplo, **as atividades, as leituras, as leituras eram muito, como é que eu vou dizer...muito precárias, a gente não conseguia ler tudo,** (E13)

Ao considerarmos o fato de que, postas as condições de trabalho desse grupo de alunos, acreditamos que somente uma forma de ensino mais compreensiva e flexível pode possibilitar a conclusão do curso. Para tanto, avaliamos o esforço que se exige de um corpo docente e da instituição como um todo para desenvolver uma proposta de educação nesses moldes, para se adequar à realidade desse aluno trabalhador.

A outra questão se refere a uma contradição, pois de acordo com um dos entrevistados, os alunos ingressaram no curso de Ciências do Trabalho para dar um retorno ao movimento sindical, mas ao mesmo tempo, não conseguem se dedicar ao curso pela agenda de trabalho que lhe é apresentada a cumprir.

Articulação de saberes entre diferentes grupos

Ao entrevistar os alunos e perguntar a eles sobre o que mais os impactou durante a trajetória acadêmica no curso de Ciências do Trabalho, uma das questões mais evidenciadas por eles se refere à heterogeneidade da turma e, por isso, entendemos a importância de criar esta categoria para apresentar os relatos que se seguem:

A diversidade da turma...pra mim foi um grande aprendizado tá no meio dessa diversidade **porque a gente que é do movimento sindical carrega alguns preconceitos. Essa foi a surpresa e todo esse processo... a escola DIEESE proporcionou pra nós...essa questão de saber lidar, tentar compreender o outro, que pra nós, assim, de entender o seguinte...nós estamos do mesmo**

lado, nós somos classe trabalhadora, temos divergências de métodos de concepção, de prática, mas, assim, é possível conviver sim. (E13)

Podemos fazer uma associação entre o diálogo em sala de aula, chamado pelos alunos entrevistados de “debates”, com as duas categorias já apresentadas: “centralidade do sujeito no processo educativo” e “prática docente”. Isto porque, pelo que se apresenta nos relatos, este diálogo só foi possível porque os docentes do curso consideraram os alunos como sujeitos, dando voz aos seus pensamentos e possibilitando, dessa forma, a troca de saberes e o respeito entre os alunos, e entre alunos e professores, como poderemos ver nas falas a seguir:

Eu acho que, no início, foi muito importante pra mim poder **conhecer as outras centrais sindicais e entender melhor o funcionamento de outros setores do movimento sindical que a gente critica muitas vezes e até organiza oposições sindicais com outras centrais, mas não tem um convívio diário, e a sala de aula, ela propicia isso**, todos acabam se conhecendo melhor, e pra mim que estava vindo de outro estado, eu pude conhecer melhor São Paulo ao entender a lógica, a ação do sindicato em São Paulo. (E2)

Aqueles debates em sala de aula, a gente conviver com aquele pessoal da CUT, aquele pessoal de assim ideologias diferentes, porque nós temos, **a nossa ideologia é defender o trabalhador, mas a nossa forma de defesa é diferente**, as pessoas da Força, o pessoal da UGT, da CGT aquela mesclagem de pessoas né, aquela diversidade de pessoas, aquilo faz com que a gente aprenda muito. (E8)

Os relatos evidenciam que o curso de Ciências do Trabalho possibilitou o diálogo, e a partir dele, a compreensão e a convivência entre os alunos. E é sobre o educador e educando dialógico que Paulo Freire vislumbra que o pensar crítico promove a solidariedade¹⁰. Os alunos atribuem importância à convivência que tiveram com a turma durante o curso de Ciências do Trabalho por ter permitido conhecer e respeitar diferentes pensamentos e posições políticas, considerando que cada aluno atua em entidades sindicais distintas. Evidenciam, ainda, a possibilidade de levar esta compreensão para outros ambientes dos quais participam. Nesse sentido, é importante destacar que os relatos dos alunos vão ao encontro das informações que se apresentam no projeto pedagógico do curso a respeito do que se espera como perfil do bacharel em Ciências do Trabalho.

Formação de Quadros

Após a leitura de todos os relatos dos alunos obtidos nas entrevistas, verificou-se a possibilidade de analisar qual tem sido a contribuição do curso para a formação de quadros, mesmo tratando-se de alunos da primeira turma deste curso superior novo, até então nunca ofertado.

Eu não tenho expectativa de que eu vá trabalhar no setor privado, toda a minha trajetória ela é uma trajetória política, sindical, e portanto, eu acho que o meu futuro vai ser por aí também... **Então quando eu vi que o programa da Escola possibilitava essa capacitação, essa qualificação, de quem já é ou quem pretende ser diretor sindical, uma atuação política como pesquisador, eu enxerguei uma oportunidade de melhorar nessa área, que é onde eu imagino que vai ser o meu futuro, é o meu presente e deve ser o meu futuro, coisa que uma universidade tradicional, normal não oferece, oferece parte disso dependendo do curso, agora essa articulação de saberes você não encontra em outros lugares tanto é que eu tentei na história, tentei na faculdade de sociologia política (...) sempre ficava faltando alguma coisa, e aqui na Escola elegi isso e atendeu a expectativa. (E2)**

Infelizmente o movimento sindical é muito tachado, por algumas pessoas, de não ter um nível de qualificação para atender algumas demandas. Esta questão dos dirigentes não ter uma qualificação acaba que enveredando todo mundo e desculpe a expressão, mas eu vou falar: “vagabundo”. Então, por conta disso eu me dediquei. Não que o dirigente saiba mais ou saiba menos, mas que a todo o momento, mesmo como o trabalhador e a trabalhadora devem ficar se reciclando, nós dirigentes e dirigentes do movimento sindical devemos ter essa capacidade de ficar se reciclando a todo o momento e inovando aquilo que puder. (E5)

A partir dos relatos, pensamos nas razões que poderiam justificar o fato de as pessoas que atuam no movimento sindical serem intituladas ou “tachadas” como desqualificadas. A este respeito, Kuenzer⁶ afirma que a classe trabalhadora fica em desvantagem porque “historicamente não tem tido acesso a instrumentos teórico-metodológicos que lhe permitiria a sistematização de um saber articulado ao seu projeto hegemônico.” Neste sentido, e ainda sobre a categoria formação de quadros, apresentamos a seguir mais alguns relatos:

Quando houve o diálogo dentro da federação, alguns dirigentes disseram que não valeria a pena, porque **eu não iria concluir ou se eu concluísse esse curso eu não estaria usando no movimento sindical, eu poderia estar prestando concurso, ir trabalhar em outras áreas, como eles já conheciam e tinha experiência com pessoas mais velhas, dirigentes de muitos anos que já fizeram isso muitas vezes e perderam os quadros, não conseguiram conter nos quadros (...)** e eu ouvi isso logo que me matriculei (...). Essa semana eu fiquei muito feliz, pois vai sair a publicação do meu livro. O meu TCC da faculdade virou um livro e no dia da reunião que aprovaram o orçamento do livro, o discurso do presidente da federação foi esse: “disseram que o (fulano) não iria continuar e ele (...) está entre nós e hoje se tornou presidente de um dos maiores sindicatos que a gente tem”. Isso para mim é até meio emocionante. A gente não pode retaliar e eu cobrei agora dentro da federação e falei assim: **“a gente sempre vai formar as pessoas pra serem os melhores dirigentes sindicais e atuar em representação”**. (E18)

Essa ligação direta da escola DIEESE com o próprio mundo do trabalho e o mundo sindical eu entendia que a gente participando aqui abriria não só a questão do conhecimento, melhoraria nosso conhecimento (...), mas **melhoraria também o campo de trabalho pra gente dentro do sindicato**, uma vez que a gente estava participando de uma entidade que tem todo esse prestígio do movimento sindical já colocou pro DIEESE. (E11)

Observamos que os alunos demonstraram expectativa de que a formação no curso ampliasse o campo de trabalho no interior dos sindicatos. No entanto, a partir do conteúdo das falas acima destacadas, podemos pensar nas razões que justificam a visão de que um trabalhador dotado de conhecimento científico não se limitaria a permanecer atuando no movimento sindical. Para dar continuidade nesta discussão, destaca-se mais um relato de aluno:

Uma pessoa que se forma em Ciências do Trabalho ela pode não só prestar um concurso público, mas ela pode atuar em um escritório, num banco em alguma coisa assim, ah mas por que?, Porque você vai ter a formação lá de estatística, mas é importante da gente também que represente a sociedade, não só a gente que tá ali representando enquanto militante do movimento sindical, mas pessoas... (...) **até pessoas do próprio sindicato chegam e falam, fulano fez Ciências do Trabalho, mas serve pra que? Assim vai melhorar seu discurso, vai melhorar a sua opinião crítica em relação ao mundo, te melhora como ser humano, eu penso isso, acho que é fundamental, primeiro o ser humano, depois, ou se você vai atuar dentro do movimento**

É interessante notar que, de todo modo, mesmo tendo por vezes a necessidade de dar explicações a respeito de uma atuação profissional após a conclusão no curso de Ciências do Trabalho, uma vez que se trata de um curso novo, os alunos julgam que a formação nesse curso tem um papel importante; em primeiro lugar, na compreensão da própria vida, mas também na melhoria da atuação política e sindical, que pode servir tanto para a permanência no meio sindical, mas também para o desenvolvimento de funções em outros espaços, inclusive governamentais.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar os principais aspectos da pesquisa realizada sobre a experiência da Escola DIEESE, instituição de ensino superior recém-criada e mantida pelo DIEESE, e o novo curso de graduação por ela ofertado, o bacharelado em Ciências do Trabalho. Para tanto, realizamos uma investigação nos documentos dessas duas instituições, além de entrevistas com os alunos egressos da primeira turma, que foi bastante peculiar, visto que foi composta em sua maioria, por alunos que atuavam como dirigentes sindicais.

Foi possível concluir que, apesar dos desafios apresentados pelos próprios alunos entrevistados, o novo curso de Ciências do Trabalho, ofertado pela Escola DIEESE, tem caminhado e avançado no sentido de uma pedagogia contra-hegemônica, considerando que a sua proposta pedagógica tem articulado o saber teórico e o saber prático, tomando o trabalho como princípio educativo, e desenvolvendo, nesse processo, a autonomia do sujeito.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. A Universidade, o trabalhador e o curso noturno. **Universidade e Sociedade**, São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 22-28, fev. 1991.

Disponível em: <http://www.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-775780476.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

DIEESE. **Oficina de trabalho II**: projeto faculdade do movimento sindical. São Paulo: DIEESE, 2007. (Relatório técnico da Escola DIEESE)

DIEESE. **Primeira oficina**. Faculdade do movimento sindical. São Paulo: DIEESE, 2007. (Relatório técnico da Escola DIEESE)

ESCOLA DIEESE. **Projeto de desenvolvimento institucional**. São Paulo: DIEESE, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Questões de nossa época, v. 23)

KUENZER, Acácia Z. **Educação e trabalho no Brasil**: o estado da questão. Brasília: INEP; Santiago: Reduc, 1991.

SAVIANI, Dermeval. Teorias Pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu, v.10, nº 2, 2º semestre de 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4465/3387>. Acesso em 25 de ago. 2016.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.